

# **O construcionismo social na pesquisa em psicologia.**

**Joana Sanches-Justo**

**Solange Leme Ferreira**

**Mário Sérgio Vasconcelos**

**José Sterza Justo**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

**Resumo:** Este texto traz uma reflexão sobre o construcionismo social, suas bases históricas e epistemológicas e conceitos importantes, tais como: práticas discursivas e produção dos sentidos. São apresentados dois projetos de Doutorado: um deles aborda a produção de sentidos pelo ato fotográfico, para investigar a relação do idoso com a memória e a prospecção. O outro projeto é uma tradução memorial, cujo objetivo é recuperar, sistematizar e documentar os saberes produzidos durante as atividades acadêmicas no ensino superior, junto às pessoas com deficiência mental. Ao repensar estas práticas sociais, ensejamos um instigativo diálogo indispensável à visibilidade social das pessoas idosas e daquelas com deficiência mental. Assim, esperamos contribuir para que a ciência contemporânea seja uma ciência interdisciplinar, voltada para o cotidiano das relações socialmente constituídas.

**Palavras-chave:** construcionismo social, pesquisa em psicologia, velhice, ato fotográfico, deficiência mental.

## ***Introdução***

Por ser a espinha dorsal do processo de investigação, segundo Justo (2007) é necessário que, desde a etapa de elaboração do projeto da pesquisa, seja definido o referencial teórico-metodológico, mantendo-se a coerência interna entre ambos e com as técnicas e procedimentos utilizados. Ainda, cabe também ao pesquisador ter um domínio crítico de sua fundamentação, de suas bases epistemológicas e sobre os destinos e sentidos de sua pesquisa no panorama geral da ciência.

Se a ciência moderna, em seu nascimento, trazia consigo grandes promessas como a do avanço tecnológico e do “progresso” da civilização, colocando-se como grande guia-mestra para a humanidade, hoje, suas pretensões são mais modestas, menos universalizantes e menos totalitárias. Segundo Santos (1989), a ciência contemporânea vive um momento de desdogmatização no qual se desvencilha da aura mítica de um saber incontestável, e de fiel escudeira da humanidade, para compartilhar com outros saberes da cultura, como o saber popular e o senso comum, suas práticas e produções.

*Joana Sanches-Justo, Solange Leme Ferreira,*

*Mário Sérgio Vasconcelos & José Sterza Justo*

É nessa linha de uma ciência polissêmica e voltada para o cotidiano, para as relações concretamente constituídas e compreendendo o conhecimento como produção de um “intercâmbio social” (Gergen, 2009), que se insere o “Construcionismo Social”, referencial teórico-metodológico apresentado neste ensaio.

### ***Matrizes históricas e epistemológicas do construcionismo social***

Para Rasera e Japur (2005), definir o que vem a ser o construcionismo social é uma tarefa difícil, por isso, talvez, fosse melhor iniciar afirmando que não há uma definição única e amplamente aceita. Para os autores, o surgimento do construcionismo na Psicologia é datado de 1973, com a publicação do artigo de Kenneth Gergen “Social psychology as history”. Contudo, o próprio Kenneth questiona esse surgimento com data precisa já que o mesmo foi fruto de todo um desenvolvimento da ciência, e da psicologia em particular, rumo a novos paradigmas capazes de resolver questões insolúveis pelos paradigmas anteriores. Tal alternativa buscava responder a três críticas: a social, a ideológica e a retórico-literária.

Segundo Rasera e Japur (2005), a crítica social dizia respeito ao processo de como o conhecimento é cultural e historicamente situado, seja na construção do fato científico, nas práticas discursivas de autolegitimação, ou na influência do grupo na forma como os dados são interpretados. A crítica ideológica buscava explicitar os vieses presentes na construção de determinadas teorias, decorrentes de seu compromisso com grupos sociais específicos, rejeitando a idéia de neutralidade na ciência e sua possibilidade de descrição objetiva e acurada do mundo. Por sua vez, a crítica retórico-literária, pretendia mostrar como as descrições e explicações científicas são determinadas pelas regras de apresentação literária, de modo a ganhar poder persuasivo, ao usar determinadas metáforas, quando apresentam a relação autor/leitor e do objeto descrito. Deste modo, as metáforas não seriam derivadas da observação, mas sim estruturas retóricas pelas quais o mundo observacional é construído.

Os questionamentos contidos nestas três críticas redimensionou as teorias científicas, desvelando seu caráter comprometido, sua determinação histórico-cultural e enfraquecendo uma visão de ciência entendida como descrição objetiva e acurada da realidade, na qual a linguagem era vista como representante fiel da realidade e sustentadora da verdade. Assim nasceu o construcionismo social.

Com os avanços da História, Sociologia, Psicologia e Comunicação, foi se delineando uma concepção de que os atos do homem e os acontecimentos do mundo estão fortemente remetidos a um tempo e lugar, à história, ao contexto social e à linguagem em uso.

Para Duarte-Alves e Justo (2007), a vida em sociedade se dá mediante interações, por meio das quais as práticas surgem, “efetivam-se, legitimam-se, ganham status de valor e se diluem frente a novas práticas que as substituem e as desautorizam, invalidando-as” (p.63). Assim, visto que o saber é sempre dinâmico, o construcionismo social não se propõe a realizar um aperfeiçoamento da verdade, pois esta não é nem única, nem neutra, portanto, nem absoluta.

Neste sentido, é mister que conhecimentos sejam produzidos a fim de que se desvelem o porquê da existência de determinadas práticas sociais: sua origem, sua continuidade, sua disseminação, sua transformação e legitimação que gera o senso de verdade. Para este tipo de conhecimento, a narrativa é fundamental, pois “Se a linguagem é ação no mundo, é performance, a mudança narrativa é uma mudança que ocorre não somente nas palavras, mas também nas coisas” (Camargo-Borges, 2007, p.32). Na medida em que produzimos conhecimento nas nossas relações, interações e negociações dos sentidos, estamos construindo uma determinada realidade.

Respondendo a críticos do construcionismo, Shotter e Gergen (1994, citado por Camargo-Borges, 2007, p.35) consideram que, se por um lado, é questionável o relativismo do conhecimento assim produzido, por outro lado, deve-se lembrar que esse é obtido e legitimado dentro de um sistema de crenças e valores que não é relativo, pois é fortemente sustentado por um determinado grupo. Além disso, o importante é que espaços dialógicos sejam constantemente construídos e que o pesquisador não se restrinja ou se amordace buscando uma verdade transcendente.

Além das considerações anteriores, alguns outros pontos se destacam nas formulações epistemológicas do construcionismo social, dentre os enumerados por Castañon (2004) e Rasera e Japur (2005), tais como o pessimismo epistemológico, a irregularidade do objeto, a fragmentação, o anti-essencialismo, o anti-realismo, a não neutralidade e o anti-metodologismo.

O pessimismo epistemológico se caracteriza pela impossibilidade de uma fundamentação sólida para a construção do conhecimento, uma vez que os sentidos e significados da realidade se transformam constantemente. Sem postular uma verdade ou realidade única e universal é impossível criar regras universais que fundamentem uma abordagem teórica. Deste modo, qualquer teoria construída não conseguiria se aproximar o suficiente da explicação da realidade a ponto de prescindir do sujeito epistemológico.

O anti-essencialismo é uma postura que rejeita algo inerente ao homem, seja esse "algo" biológico ou cultural. Não há nenhuma "semente" de bondade ou de maldade dentro do homem, nenhuma natureza que o impulse a ser e agir de determinada forma em detrimento a outra ou que explique por si só o que é o homem.

O anti-realismo, como já foi anteriormente abordado, é a recusa da apreensão direta e objetivamente da realidade, já que esta não existe independente da nossa percepção. Da mesma forma, não é possível descobrir a verdadeira essência do real.

A irregularidade do objeto e a fragmentação dizem respeito à imprevisibilidade do comportamento e à fragmentação do objeto, ou seja, o sujeito não é um ser integrado, mas determinado por inúmeros fatores. Neste sentido, a não neutralidade do pesquisador, que já intervém em determinado campo, no momento em que começa a trabalhar e pesquisar, leva ao anti-metodologismo, no qual “o método é classificado como um mero truque retórico, que tem por objetivo legitimar certos resultados de pesquisas” (Castañon, 2004, p.73).

Para Duarte-Alves e Justo (2007), adotar a perspectiva construcionista como método de estudo “implica uma desconstrução contínua das posturas conservadoras que regem nossas práticas científicas..., ainda, abandonar a epistemologia tradicional que distingue interno-subjetivo-mente de externo-objetivo-mundo” (p.75).

*Joana Sanches-Justo, Solange Leme Ferreira,*

*Mário Sérgio Vasconcelos & José Sterza Justo*

A fim de melhor compreender o construcionismo social, alguns conceitos importantes desta proposta serão explicitados, tais como: práticas discursivas, produção dos sentidos, discurso e narrativa.

### ***Práticas discursivas e produção de sentido***

A linguagem assume um papel central no construcionismo, uma vez que as práticas discursivas são responsáveis pela interação social e pela constituição da realidade, ou seja, pela produção de sentidos sobre o mundo. Como afirma Traverso-Yépez (1999), “a experiência da realidade, a identidade e os fenômenos psicossociais se constituem na e através da linguagem” (p.47). Nesse sentido, a linguagem não é apenas um reflexo da sociedade, mas sua constituição.

Atadas ao contexto, à época e à cultura em que são produzidas, as práticas discursivas nos remetem aos momentos de ressignificações. Lima (2005) afirma que

[...] as pessoas não constroem suas materialidades e compreensões do mundo no vazio, mas na concretude da vida cotidiana, por onde um fluxo contínuo e dinâmico de atos de fala em tensões, conflitos, negociações, solidariedades, contradições, vão configurando sentidos em contínua produção e reprodução. (Lima, 2005, p. 3)

Conforme Duarte-Alves e Justo (2007), as práticas discursivas são o meio pelo qual as pessoas se posicionam nas relações sociais, segundo a sua tradução do meio em que estão inseridas. Para Spink e Medrado (2000), as práticas discursivas são definidas como linguagem em ação, pois a partir delas as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas.

A fim de melhor compreender esta definição, apresentamos a afirmação de Billig (1991, citado por Spink e Medrado, 2000, p. 47), segundo a qual “[...] quando falamos, estamos invariavelmente realizando ações – acusando, perguntando, justificando etc. -, produzindo um jogo de posicionamento com os nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção”.

Sempre que nos expressamos existe algo que nos atravessa, seja uma lembrança, a nossa própria história, uma ideologia ou até mesmo algo que se manifesta sem que percebamos. É neste atravessamento que a comunicação se traduz em discurso.

Para Spink e Medrado (2000), os discursos aproximam-se da noção de linguagens sociais, citando a definição de Bakhtin (1929/1995), segundo a qual são manifestações peculiares de um estrato específico da sociedade, como por exemplo, uma profissão, um grupo etário, num determinado contexto, num determinado momento histórico. Lima (2006) concebe o discurso não como uma representação ou tradução de algo – objeto, realidade, fato etc. -, mas como uma ação social, que dá sentido e materialidade ao mundo, às coisas, aos eventos e a cada um de nós em meio a tudo isso.

O termo discurso, ainda, se remete à institucionalização da linguagem pelas estruturas de poder, como por exemplo, os campos de saber da Psicologia, Sociologia, Medicina, cada qual com seus discursos oficiais. Da mesma forma, certos grupos como sindicatos, ONGs, partidos políticos, a família, as empresas etc. também têm seus

discursos. O processo de institucionalização não está restrito a grandes grupos ou ao sistema político, mas abarca todas as esferas sociais (Spink & Medrado, 2000).

Os discursos tendem a permanecer porque são mantidos por regras, tais quais as regras de conduta: em velórios, pêsames; em nascimentos, bênçãos; em formaturas, incentivos. Para cada evento há uma regra sobre como se portar e o que dizer. As práticas sociais tendem a manter tais regras a fim de tornar viável a vida em sociedade.

Pensar em práticas discursivas ao invés de discursos é ampliar as possibilidades de expressão, comunicação e dialogicidade, retirando em parte a dimensão institucionalizada inerente ao discurso, mas claro, tendo em vista que nenhuma forma de comunicação é imparcial.

A prática discursiva que daria maior vazão à expressão desprovida de relações institucionalizadas é a narrativa. Sua diferença fundamental para com o discurso é o fundamento mais na experiência do que em retransmissões ideológicas.

A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. [...] O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar a sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (Benjamin, 1936/1994, p.221)

Na narrativa o que se preza é a transmissão de sabedorias populares, adquiridas com a vivência e a experiência, tal como o conselho (Benjamin, 1936/1994). Não há preocupação com veracidade, legitimidade, status ou dominação, mas sim com a preservação de tradições de pequenos grupos. A narrativa se caracteriza pelo intercâmbio de experiências, a troca de saberes, a transmissão boca-a-boca. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (Benjamin, 1936/1994, p.198).

Cada narrativa é única, pois quando uma mesma história é contada por pessoas diferentes, ela se modifica dependendo da entonação ou da ênfase dada. E se modifica também a cada vez que é repetida, já que a cada retomada o narrador inclui as novas experiências adquiridas. A narrativa muda à medida que as pessoas e a percepção sobre suas próprias vidas se transformam (Fernandes & Park, 2006). O que é contado através da narrativa não é a veracidade dos fatos vividos por uma ou mais pessoas, mas uma história viva que se transforma continuamente no percurso quando “os narradores examinam a imagem do seu próprio passado enquanto caminham” (Portelli citado por Fernandes & Park, 2006, p. 47).

É neste momento que a narrativa mostra-se parte indissociável da construção social na qual cada um tem um mesmo papel: construir uma "colcha de retalhos" de saberes e experiências de vida transformados em linguagem. Através da linguagem o mundo torna-se passível de descrição, explicação, adjetivação e de sentido. A linguagem dá vazão à produção de leituras e sentidos a respeito da realidade que nos cerca.

Spink e Medrado (2000) apontam que a produção dos sentidos não é uma atividade cognitiva intra-individual, nem pura e simples reprodução de modelos predeterminados. O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, interativo, por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos à sua volta, tendo os mesmos a função de garantir às pessoas condições para que se sintam integrantes de um corpo social (Spink & Medrado, 2000).

Atribuir sentido é, portanto, realizar leituras e interpretações do mundo e da realidade. Consequentemente, a realidade também não pode ser vista como algo independente daquele que a interpreta. As descrições do mundo não correspondem à uma realidade objetiva e verificável, porque as próprias leituras da realidade são formas de construí-la (Rasera & Japur, 2005).

A todo o momento criamos e recriamos a realidade através da linguagem que, por sua vez, está atada aos sistemas de significação de dado contexto. Isto significa que a produção de sentido acerca da realidade varia conforme as condições sócio-históricas que delimitam alguns conceitos e significados.

Cabe, finalmente, ressaltar o aspecto eliciador da produção de sentido: a ruptura. Apenas "linguagem e contexto não são suficientes para desencadear espontaneamente a produção de sentidos: é preciso que ocorra uma ruptura no cotidiano, no comum, para que se busque o sentido" (Justo, 2008, p.45). Em uma situação de entrevista, por exemplo, é a dinâmica da relação entre pesquisador-entrevistado que abrirá caminho para esta produção. O pesquisador, através de perguntas que apontam caminhos no diálogo, proporciona a ruptura necessária à re-significação e ao desvelamento do mundo do entrevistado (Spink & Medrado, 2000).

### ***Possibilidades de pesquisa***

O construcionismo social como método de pesquisa em psicologia proporciona a transdisciplinaridade<sup>1</sup>, o encontro de saberes, de narrativas e a produção de conhecimento em áreas distintas, promovendo um olhar diferenciado sobre o sujeito e o objeto de estudo. A proposta desta linha de pensamento, quando associada à pesquisa, rompe com categorizações de pensamento que buscam uma leitura neutra, disciplinar e objetiva.

Nesse sentido, ao se realizar uma pesquisa no âmbito do construcionismo social, o sujeito do conhecimento, ao ser instigado a pesquisar, já começa a se situar no campo da pesquisa. O campo não é um lugar onde o pesquisador deve ir para colher dados ou um momento em que entrevistas são realizadas, porque tem seu início concomitante com os primeiros delineamentos da pesquisa. O campo é o lugar em que o pesquisador localiza sua investigação, onde pode encontrar fragmentos de memórias ou narrativas e produzir sua própria narrativa cosendo tais fragmentos no viés da pesquisa (Spink, 2003).

---

<sup>1</sup> Transdisciplinaridade aqui é entendida como a articulação de disciplinas que mantém cada qual sua individualidade, mas colaboram para a organização de um pensamento complexo e para a compreensão de tudo aquilo que as atravessa.

Pesquisar é estar vulnerável aos caminhos inesperados a que a própria pesquisa nos leva, como se seus rumos não pudessem ser inteiramente definidos ou direcionados pelo pesquisador. Este, parcial diante do seu objeto de estudo, é também por ele conduzido, surpreendido e atravessado. Por este ponto de vista, mais do que uma observação, a pesquisa é um mergulho, um enlace do pesquisador com a pesquisa e os participantes, desenhando uma construção coletiva dos saberes organizados na forma de uma pesquisa. É, portanto, impossível que o Psicólogo Social realize uma pesquisa, entrevista ou estudo que descarte o social, o contexto, a relatividade da verdade e da realidade, afinal, "como pode o psicólogo sair do entendimento cultural e continuar "compreendendo"?" (Gergen, 2009, p. 304).

A título de ilustração do construcionismo social como método, apresentaremos a seguir duas pesquisas de Doutorado, ainda em desenvolvimento.

O primeiro trabalho versa sobre o ato fotográfico na velhice, tendo como principal objetivo investigar os sentidos produzidos pelo ato fotográfico na relação do idoso com o tempo e com a memória, dando maior ênfase ao futuro e à prospecção. Para tanto, serão realizadas oficinas de fotografia com um grupo de idosos em que os participantes serão autores de fotografias. O principal tema proposto para a tomada de fotografias será "o que você quer, do presente, guardar para ser visto no futuro?". A partir das fotografias e narrativas produzidas pelo grupo, faremos o levantamento dos conteúdos mais frequentes e enfatizados, percorrendo a memória passada e a prospectiva, bem como os sentidos dados a estas produções.

O trabalho estará embasado pelo construcionismo tanto nas práticas discursivas quanto nas produções de sentidos construídas a partir do ato de fotografar e, posteriormente, pelas narrativas das fotografias impressas ou reveladas. Tomaremos a fotografia, aliada à palavra, como discursos produzidos no momento das oficinas e atravessados por questões como a representação social da velhice, a memória, o trabalho, a aposentadoria, a passagem do tempo, a morte, o legado deixado em forma de fotografia e o planejamento para o futuro, dentre outros temas.

As práticas discursivas das oficinas e das discussões em grupo possibilitarão um constante fazer e refazer do mundo, das percepções sobre a realidade e sobre si mesmo se desdobrando numa dinâmica de produção coletiva de sentidos sobre a memória e a velhice.

Permeada por elementos como a mutabilidade do objeto, das relações e dos sentidos, o pessimismo epistemológico e o anti-metodologismo, a pesquisa poderá abordar questões transdisciplinares como: a estética fotográfica, o recorte sobre o tempo e o espaço, a memória materializada através do ato fotográfico e, mais além, a influência da autoria na construção da identidade e da percepção de si.

A proposta da outra pesquisa baseou-se nos seguintes fundamentos: se a linguagem constrói e é ação no mundo; se quando as pessoas falam, elas se posicionam e são posicionadas no mundo, então, ao se criar outras formas discursivas a respeito das pessoas com deficiência mental, poderiam ser geradas outras práticas mais contextualizadas de acessibilidade social para esse grupo da população.

Com tal objetivo propusemos o desenvolvimento de uma narrativa, na forma de uma tradução memorial, que pudesse recuperar os saberes produzidos durante nossas

atividades acadêmicas nos 30 anos de docência no ensino superior, em nossa relação com as pessoas que têm deficiência mental.

Mas, por que uma tradução memorial como um trabalho de doutorado? A resposta é bastante simples. De nada adiantariam as nossas ações e as reflexões se não forem devidamente sistematizadas, documentadas e disseminadas, não como um modelo infalível a ser seguido, mas como um subsídio para próximas reflexões, ações e formulações teóricas na área da deficiência mental. As nossas ações, que serão objeto de estudo, foram desenvolvidas junto aos alunos do Curso de Psicologia e da Especialização em Psicologia Aplicada à Educação, por meio de práticas de disciplina, de estágios supervisionados e de extensão universitária.

Para a seleção de um referencial teórico-metodológico, na ciência contemporânea, que fosse apropriado à proposta de tradução memorial, foi decisivo o apontamento de Camargo-Borges (2007): não é intenção que se descubra uma realidade escondida em algum lugar pronta para ser conhecida; o que importa é descobrir como os conhecimentos se organizam e se estabelecem e, por conseguinte, direcionam as possibilidades humanas, criando e re-criando outros sentidos sobre o mundo.

Deste modo, então, optamos pelo construcionismo social, cientes de que o conhecimento é dependente de seu conhecedor e de suas relações, portanto, qualquer afirmação advinda só adquire sentido dentro do contexto específico em que foi produzido. No entanto, e principalmente, a escolha se deu por acreditarmos que, ao trazer à tona e repensar determinadas práticas sociais em situações específicas de uma dada realidade, poderíamos ensejar um instigativo convite ao diálogo entre os saberes e intenções. Um diálogo que estará aberto a todos que também se dedicam ao árduo trabalho de transformação de sentidos e práticas discursivas, indispensável à visibilidade social das pessoas com deficiência mental.

### ***Considerações Finais***

Partindo-se de nosso entendimento de que uma realidade não se transforma por si mesma, mas se faz na produção coletiva de todos os atores sociais envolvidos, o construcionismo social, dentre os outros modelos de produção do saber, pareceu-nos o mais apropriado quando se trata de estudos na área de Ciências Humanas.

No construcionismo social a ênfase não é dada às estruturas sociais e mentais que produzem os sentidos, mas sim à identificação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou compreendem o mundo em que vivem, incluindo a si mesmas. O que interessa neste modelo é desvelar as circunstâncias que se entrelaçam para dar consistência e sustentação aos saberes que dialogam, se articulam e vão substituindo as verdades oficiais determinadoras do funcionamento universal do mundo – aquele que não abre espaço à alteridade e à diversidade.

A produção do saber ao invés de visar o mapeamento objetivo da realidade, é percebida como uma construção contínua condicionada ao contexto social, cultural e histórico. Afinal, nosso entendimento do mundo é produto de uma série de artefatos sociais incididos nos contatos sociais no decorrer de nossa história.



Por isso sempre será interessante conhecer outros pressupostos, crenças, valores e ações compartilhadas no entendimento de uma realidade. É preciso ensejar o aparecimento de outras formas de construção de sentidos e, por conseguinte, de outras práticas no cotidiano social. Assim, acreditamos que se a realidade é gerada no fluxo contínuo da atividade comunicativa entre as pessoas, então, a partir dos discursos que encenam verdades determinadas dentro de um determinado cenário, será possível resignificar discursos já estabelecidos, criar tantos outros e, assim, compor uma realidade diferente.

Para as pesquisas acima citadas, além da flexibilidade do método e do incentivo à interlocução de saberes, a maior contribuição do construcionismo social talvez seja o enfoque na narrativa e na produção de sentido. Através da narrativa surge a possibilidade de descrever, repensar e disponibilizar a outros a trajetória de uma vida profissional dedicada a dar visibilidade e discutir a inclusão de pessoas com deficiência mental. Este trabalho, aqui denominado de tradução memorial, se constituirá por uma narrativa dialógica com o leitor, na qual, gradualmente, serão compiladas as nossas ações e aprendizados junto aos deficientes mentais. Através da prática discursiva, este trabalho de doutoramento retratará o resgate e a documentação de saberes e procedimentos construídos ao longo da nossa experiência profissional.

Da mesma forma, é a narrativa e a produção de sentido que darão o sustento para as oficinas de fotografias com os idosos. A narrativa possibilitará a tradução das imagens registradas nas oficinas e encontros. Ao ser usada para explicar e descrever as escolhas das cenas, lugares, objetos e pessoas fotografados, possibilitará a leitura não apenas das fotografias, mas também do que estes objetos e pessoas significam para os autores das imagens. Narrando, faz-se uma travessia pela história de vida bem como a reflexão sobre os anseios, medos e expectativas sobre o que está por vir.

Em contrapartida, a ruptura no cotidiano, proporcionada pelo exercício de fotografar, dará vazão à produção de sentido. O sentido só pode ser construído quando algo nos impele à reflexão, ou seja, quando a rotina cotidiana é rompida. A ruptura é necessária para que o sentido ganhe visibilidade. Em uma situação de pesquisa, as perguntas, feitas pelo pesquisador ou por outros participantes, em algum momento enfocam temas incomuns, criando um espaço propício para a construção de sentidos.

Ora trocando as experiências e impressões sobre o processo fotográfico e seus produtos com o grupo, ora refletindo individualmente, o produto das oficinas e da participação no grupo será a leitura do mundo, da própria história e da vida.

Portanto, estes dois elementos, narrativa e produção de sentido, são as ferramentas que, tanto o pesquisador quanto os participantes, empregarão para construir a pesquisa.

Pensar uma pesquisa que tenha como método o construcionismo social é conceber os sujeitos como atores sociais que constroem concepções coletivas do mundo e atuam sobre a realidade de forma dinâmica, transformando e sendo transformados. É uma forma de fazer Ciência que visa superar tensões existentes entre dicotomias estabelecidas, por exemplo, entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objeto, entre o individual e o social. Tal postura se caracteriza por não separar natureza (indivíduo) e cultura (social), pois para explicar as características humanas é preciso levar em conta a existência de fenômenos híbridos de social e individual, pois que não existem formas puras destas instâncias.

*Joana Sanches-Justo, Solange Leme Ferreira,*

*Mário Sérgio Vasconcelos & José Sterza Justo*

Assim, se a experiência subjetiva opera com as práticas sociais que o contexto propicia; se é possível pensar novas formas de agir; se as práticas discursivas produzidas são versões da realidade percebidas tanto pelo objeto quanto pelo pesquisador, então, as informações que daí se depreendem são pontuais e locais. Não pretendemos, portanto, produzir conhecimentos ou leis universais acerca dos nossos objetos de estudo, mas sim explorar as possibilidades de um método que permite abordar o campo de pesquisa como local de interações complexas no qual se constroem possibilidades de reflexão, de produção de sentido e também de ação.

Sanches-Justo, J., Ferreira, S. L., Vasconcelos, M.S., Justo, J. S. (2010) Social constructionism in psychology research. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(1), 24-35.

**Abstract:** *This essay is a reflection on social constructionism, their historical and epistemological bases and important concepts such as discursive practices and production of the senses. We present two PhD projects: one deals with the production of meaning by shooting photos, in order to investigate the relationship of the elderly with memory and futurity. The other project is a translation memorial, whose goal is to retrieve, organize and document the knowledge produced during the academic activities in higher education among persons with mental disabilities. Rethinking these social practices, led to a essential dialogue that instigates the social visibility of the elderly and those with disabilities. Thus, we hope to contribute to contemporary science as an interdisciplinary science, focusing on the everyday social relations constituted.*

**Keywords:** *social construction, elderly, psychology research, photographic act, mental disabilities.*

## **Referências**

- Bakhtin, M. (1995). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- Benjamin, W. (1936/1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. v.1, 2.ed. São Paulo: Brasiliense, pp. 197-221
- BILLIG, Michael. (1991). Thinking as arguing, in: \_\_\_\_\_. *Ideology and opinions: Studies in rhetorical psychology*. London: Sage, p. 31-56.
- Camargo-Borges, C.O. (2007). *O construcionismo social no contexto da Estratégia Saúde da Família: articulando saberes e prática*. Tese de doutorado não publicada. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto,
- Castanõn, G. A. (2004) Construcionismo social: uma crítica epistemológica. *Temas em Psicologia*. v. 12, (1), 67– 81.
- Duarte-Alves, A. & Justo, J. S. (2007). Saberes no cotidiano: práticas discursivas e transdisciplinaridade. In: Constantino, E. P. (org.). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo: UNESP/Arte & Ciência Editora, pp. 61-78.
- Fernandes, R. S. & Park, M. B. (2006). Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 26 (68), 39-59.
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6 (1), 299-325.
- Justo, Joana.S. (2008). *Olhares que contam histórias: a fotografia como memórias e narrativas da família*. Dissertação de Mestrado, não publicada. Faculdade de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Justo, José. S. (2007) Prefácio. In: Constantino, E.P. (org.). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo: UNESP/Arte & Ciência Editora. pp. 7-13.
- Lima, A. B. (2005). Algumas reflexões para uma práxis crítica em Psicologia Social. Mesa redonda. *Atuação do psicólogo nas instituições: implicações éticas*. (texto não publicado). IV Encontro do Departamento de Psicologia Social e Institucional e VII Mostra de Produção Científica dos trabalhos desenvolvidos em 2005. Universidade Estadual de Londrina.
- Lima, A. B. (2006). Os sentidos na mídia: o MST em dois jornais diários. *Psicologia & Sociedade*, 18 (3), 97-103.
- Portelli, A. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: Fenelon, D.R. et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004. p. 296-313.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. *Paidéia - Cadernos de Psicologia e Educação*

*Joana Sanches-Justo, Solange Leme Ferreira,*

*Mário Sérgio Vasconcelos & José Sterza Justo*

(online), Ribeirão Preto, v. 15 (30). Acessado em 24/09/2009 do <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/30/04.htm>.

Santos, B.S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

Shotter, J.; Gergen, K. J. (1994). Social Construction: Knowledge, Self, Others, and continuing the conversation. In: Deetz, S. A. (Ed.) *Communication Yearbook/17*. California: Sage. p. 3-33.

Spink, M. J. P. & Medrado, B. (2000). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink, M. J. P. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, pp. 41-61.

Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15 (2), 18-42.

Traverso-Yépez, M. (1999) Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, 4 (1), 39-59.

*O construcionismo social na pesquisa em psicologia.*

*Recebido: 14 de setembro de 2009.*

*Aprovado: 10 de março de 2010.*